

SILÊNCIO E CAOS

Lá pelas bandas do sul, os relâmpagos anunciavam a tempestade certa. Da janela, ele observava a mudança rápida, que a Lagoa de Santo Antônio manifestará em relação à maré, e ao vento sul encrespando fortemente suas águas. Ao longe, ainda podia ver alguns raios de sol fugidios, por entre a formação arredondada de algumas nuvens. Perdeu-se em pensamentos. Voara para a cidade do passado e sem querer fora tragado por ele. Envolto por uma tênue nevoa via vultos que o arrastavam para aqueles instantes depois do raio, instantes aos quais queria esquecer, que se recusava a lembrar.

Um forte clarão azul alaranjado, o fez retornar ao presente. Um arrepio percorreu seu corpo irisando seus pelos como uma forte descarga elétrica. Correu até a toska mesinha onde se encontravam as imagens de Nossa Senhora dos Navegantes, sua protetora quando saía para pescar, e a de Santa Barbara, que na Umbanda era Iansã sua mãe. Acendeu uma vela para cada uma e queimou um pedaço de palha de butiá seco que ganhará de sua madrinha do último domingo de ramos. Era para acalmar a fúria do céu diziam os antigos. Sorriu com a lembrança de sua amada avó. Tão forte fora o instante que parecia que a própria havia se materializado em sua frente. De volta ao presente olhando a fumaça da palha que sumia devagarinho, rogou as suas protetoras que cuidassem da cidade, e dos pescadores, seus amigos que se encontravam em mar alto. Correu para a porta.

Vacilou por alguns instantes, as pernas bambearam. Respirou fundo. Pegou uma caneca de barro que estava ao lado de um pote também de barro junto a um improvisado fogão a lenha. É claro que sabia da existência dos modernos fogões a gás, mas nada substituía para ele, o prazer de acender o fogo e ver as chamas crescendo aos pouquinhos. Encheu a caneca com a água fresca que trouxera da Fonte da Carioca. Tomou uns goles intercalando com uma respiração profunda, afastando aquela tontura repentina.

Caminhou rapidamente para a porta. Por uma fresta seus olhos perceberam que a canoa amarada ao sarilho, embora suspensa permanecia firme. Mesmo assim, saiu vagarosamente do casebre de chão batido, em sua direção. Precisava sentir os nós, verificar se as cordas estavam bem apertadas, para que, seu precioso bem não se soltasse e fosse arrastada para longe. A força do vento continuava crescendo e se espalhava pelo casebre assim como o clarão dos relâmpagos, ambos entravam pelas frestas. Sabia por experiência que a coisa ia encardir.

Ao abrir a porta, uma lufada de vento, fez à areia rodopiar a sua frente, enchendo sua boca e inundando sua cara. Repentinamente sentiu-se cego. Passou os dedos pelos olhos e seguiu adiante. Atravessou um pequeno caminho esmagado por pedras de ambos os lados, cobertas por algas e limo, fustigadas pelo fluxo não só das marés, mais também, do ir e vir dos pescadores. Ainda vislumbrou a falta de cuidado que o povo tem com a Lagoa, pela quantidade de lixo acumulado, que fora arrastado pelas ondas e se prenderá a parede de pedras. Pisou forte no trapiche sem ouvir seus passos, que faziam o velho madeirame ranger aos estampidos.

As grossas nuvens em cúmulo-nimbo se formavam rapidamente, devorando o branco que já se fazia cinza e num piscar já era chumbo; vinham carregadas, não somente de tempestade, mais de todas as dores que maceravam seu coração. Deitou o pescoço para trás.

O vento agora vinha aos borbotões, transformando suas mãos calejadas em garras. Para não ser arrastado segurou as estacas que serviam de apoio ao trapiche. Mesmo sacudida pela violência dos ventos a canoa mantinha-se firme e forte. As

tarrafas e as linhas, assim como os três balaios de bambu, mantinham-se ao fundo cobertos por pesada lona.

Sentia em sua pele os primeiros pingos da chuva. Seus olhos verdes azulados, brilhavam com as cores que os raios pintavam, anunciando que a tempestade agigantava-se. Sentou-se.

Olhos fixos no infinito. Assim feito às nuvens, seus pensamentos corriam velozes, desdobravam-se entre adolescência e juventude, as primeiras tarrafadas em companhia do pai, naquele mesmo lugar, que aprenderá a chamar de “areal” e a amar como se fosse o próprio ar que necessitava para viver. Tudo o que sabia sobre a arte de pescar fora seu velho que lhe ensinará. Até mesmo dos perigos e encantos; do respeito e do temor que deveria ter por ele. Das crendices do canto das sereias, que em noite de luar arrastavam para o fundo do mar, quem as ouvisse cantar.

Aquelas mesmas águas que lhe davam o sustento, também lhe trouxeram tristezas, pois serviram de morada eterna para o pai, que havia nele desaparecido, e nunca fora encontrado. Da mãe, ainda a seu lado, herdará a religiosidade, as crendices e o respeito aos usos e costumes da velha Laguna. Foi com ela que havia visto pela primeira vez a pesca lá no pontal. Ficaré maravilhado com os saltos dos botos e o voar das tarrafas. Com os solavancos das tainhas que ressaltavam suas escamas prateadas, ao se debaterem na praia.

Quando entrará numa canoa pela primeira vez ao lado do pai, fez com que ele o levasse até o canal da Barra, para poder de perto ver aqueles animais que o encantaram. Desde então nunca mais se afastou deles e sempre ao nascer ou ao pôr do sol, sua canoa podia ser vista por aquelas bandas.

Sentia-se feito criança olhando a tempestade. Apesar de todas as dores, que uma assim o haviam causado, ele amava aquilo. Sentia-se vivo.

Volta e meia uma angustia violenta tomava conta de todo o seu ser. Embora tudo a sua volta fosse caos estava ele mergulhado num profundo silêncio. Fragmentos feito filme picotado rondavam sua mente. Um raio, a canoa, o mar, o acordar no hospital; tudo se desenrolava tão rápido que ele não conseguia pensar direito. Uma onda alvoroçada pelo vento forte espirou água por todos os lados trazendo-o a realidade mais uma vez. Ainda silêncio ao seu redor.

Os trovões explodiam feito girândolas, arrebatando o ventre do infinito, fazendo tudo a sua volta estremecer. Ele estava ali, a balançar suas pernas, enfeitiçado por tudo aquilo. Eram as imagens que se faziam e se refaziam num piscar de olhos que o fascinavam. Eram aqueles efeitos especiais cinematográficos a lá Steven Spielberg que a natureza proporcionava, que o seduziam.

A tempestade agarrará a cidade com seus tentáculos gigantesco. O telhado de um dos barracos que servia de abrigo a algumas embarcações fora levado num barulho ensurdecedor. O vento uivava. As primeiras pedras de granizo começaram a bordar o chão feito pedaços de rendas atirados de qualquer forma.

Ele ergueu-se rapidamente, para em seguida tombar sobre os joelhos, e deixar sobre sua cintura todo o peso do mundo, do seu mundo, cheio de escuros e silêncios. Arcou-se para trás estendendo os braços e mãos calejadas para os múltiplos clarões. Mais uma vez seus pelos irisaram como se uma fina lamina de gelo o tivesse atravessado só que agora com mais violência do que a corrente elétrica fazendo-o estremecer.

Em meio a forte chuva, no centro da Lagoa, ele vira agigantar-se diante de seus olhos com um chicote na mão direita e uma espada em forma de raio na esquerda, rosto coberto por um adê com finos fios que mais pareciam restilhas de luz, sua divina mãe lansa a Rainha dos raios e dos ventos, a senhora das tempestades. Ela dançava e girava

iluminada pelos clarões. A luminosidade que deles emanava, tornava sua pele negra ainda mais bela. A espada reluzia feito os próprios raios. Aquele quimérica visão aproximou-se dele. Então seus carnudos lábios sorriram. Era como se tudo ao seu redor se tornasse paz.

Ele não sabia se era real, ou se sua imaginação o estava traindo. Mesmo assim num sinal de respeito curvou-se encostando suas mãos nas surradas madeiras do trapiche e com todas as forças contidas em seu pensamento pediu a “Iansã” que lhe devolvesse a audição.

*Iansã, senhora dos ventos e das tempestades dos Yorubas.

*Adê, espécie de coroa cerimonial usado no candomblé pelos orixás: Iansã, Iemanjá, Nanã e Oxum, quando incorporados num filho de santo [Feita de metal ou seda, com bordados e franja frontal de vidrilhos, é fixada por um laço acima da nuca.].

FIM.